EMBATES EM TORNO DA ESCRAVIDÃO E DO RACISMO: O PASSADO E O PRESENTE EM DIÁLOGO

EMBATES AROUND SLAVERY AND RACISM: THE PAST AND PRESENT IN DIALOGUE

Regina Célia Lima Xavier[1]
Felipe Rodrigues Bohrer[2]

RESUMO: Este artigo tem por objetivo propor reflexões sobre a experiência da escravização e pós-abolição no Rio Grande do Sul, analisando fotografias produzidas entre meados do século XIX e primeiras décadas do século XX, em sua maioria realizadas na cidade de Porto Alegre. Estas fontes iconográficas não são meras ilustrações deste passado e traduzem várias e conflitantes formas de se representar estas práticas sociais. Tomando como ponto de partida tensionamentos públicos sobre representações preconceituosas na contemporaneidade, assim como a discussão das definições jurídicas sobre o trabalho escravo contemporâneo, este breve texto procura demonstrar que o racismo subjaz não apenas como uma herança do passado, mas principalmente como uma ressignificação deste passado nas experiências do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Escravidão. Pós-abolição. Afrodescendentes. Rio Grande do Sul. Fotografia.

ABSTRACT: This study aims to propose reflections on the experiences of enslavement and post-abolition at Rio Grande do Sul, analyzing photographs produced between mid 19th and first decades of the 20th century, mostly taken at Porto Alegre. These iconographic sources are not merely illustrations of this past, they translate several and conflictive ways of representing those social practices. Having as starting point contemporary times' public tensioning over prejudiced representations, as well as the debate on legal definitions of contemporary slave labor, this brief paper aims to demonstrate that racism underlies not only as the past's heritage, but mainly as a resignification of this past in present time experiences.

KEYWORDS: Racism. Slavery. Post-abolition. Afro-descendants. Rio Grande do Sul. Photography.

Temos muito que refletir sobre a escravidão no Brasil. Em 2018 completamos 130 anos da abolição e esta questão está, mais do que nunca, presente entre nós. A experiência da escravização relaciona-se, ainda, de forma indelével com as mais diferentes formas de discriminação e preconceito racial. Sem dúvida, precisamos debater sobre estes temas. As redes sociais são ricas em difundir notícias que tem como foco esta questão. Recentemente circularam matérias noticiando e debatendo sobre o aniversário de 50 anos de uma socialite na Bahia, diretora da Revista *Vogue Brasil*, realizada no Palácio da Aclimação. O evento chamou a atenção ao representar pretensamente o Brasil colonial e seu passado escravista. Na foto veiculada a aniversariante branca se fazia circundar por mulheres negras. A imagem foi percebida como uma encenação romantizada sobre a relação entre sinhás e mucamas. Schwarcz diante da imagem

[1] Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pós-Doutorado pela New York University. Contato: regx17@gmail.com.

[2] Professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pernambuco/Canoas (RS). Possui Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e é Doutorando pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: feliperbohrer@gmail.com.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 15 - 34, jan./jun. 2019. Recebido em: 16 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

pediu explicações e ponderou o quanto a foto flagrava um "racismo estrutural - tão enraizado quanto invisível".[3] A autora lamentava que o evento se referisse ao passado escravista de forma tão naturalizada.[4]

Yuri Silva, jornalista e coordenador geral do Coletivo Entidades Negras (CEN), corroborou os comentários de Schwarcz para destacar, ainda, o que chamou de "fetiche da elite branca brasileira pela escravidão" e denunciou o "racismo brasileiro engenhoso disfarçado de homenagem".[5] Na verdade, Silva se referia à explicação dada pela aniversariante na qual afirmava que as mulheres negras estavam vestidas não de mucamas, mas de baianas em homenagem ao candomblé. Esta menção religiosa foi ainda criticada nas redes por fazer "uma apropriação cultural indevida".[6] A situação foi agravada pelo fato das mulheres negras trajadas a caráter terem abanado os convidados – em sua maioria brancos – que sentavam em um "trono" para fazer fotos. Outras lideranças também se manifestaram tal como a filósofa e ativista Djamila Ribeiro[7] e Elza Soares, cantora, neta e bisneta de escravos. Esta última ao escrever sobre o episódio perguntou: "quer ser elegante? Pense no quanto pode machucar o próximo, sua memória, os flagelos de seu povo, ao escolher um tema para "enfeitar" um momento feliz da vida". E arrematou: "a carne mais barata do mercado FOI a carne negra e agora NÃO é mais. Gritemos isso para quem não compreendeu ainda. Escravizar, nem de brincadeira". Segundo ainda Soares, as feridas abertas pela discriminação são "cutucadas", em eventos assim, para demonstrar que "lugar de preto é nessa senzala moderna, disfarçada, à espreita, como se vigiasse nosso povo. Povo que descende em sua maioria dos negros que colonizaram e construíram o nosso país"[8]. Diante da imensa repercussão do caso, a socialite pediu publicamente desculpas e se demitiu da revista[9]. A *Vogue* divulgou em nota que vai criar um fórum formado por "ativistas e estudiosos"

---

[3] MARTINHO, Kamille. **Historiadora Lilia Schwarcz reage a foto publicada pela diretora da *Vogue Brasil*.** Disponível em <https://www.metro1.com.br/noticias/brasil/68613,historiadora-lilia-schwarcz-reage-a-foto-publicada-pela-diretora-da-vogue-brasil.html> Acesso em 11 fev. 2019.

[4] FOLHA DE SÃO PAULO. **Elza Soares 'responde' foto de diretora da *Vogue*: 'Escravizar, nem de brincadeira'**. Disponível em <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/02/elza-soares-responde-foto-de-diretora-da-vogue-escravizar-nem-de-brincadeira.shtml> Acesso em 11 de fev. 2019.2

[5] SILVA, YURI. **Quem fetichiza a escravidão tem quer ser preso.** Disponível em <https://jornalistaslivres.org/quem-fetichiza-a-escravidao-tem-que-ser-preso-por-racismo/>. Acesso em 11 de fev.. 2019.

[6] REVISTA FÓRUM. **Hélio Menezes: a cadeira da foto.** Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/helio-menezes-a-cadeira-da-foto/>. Acesso em 11 fev. 2019.

[7] CATRACA LIVRE. **Diretora da *Vogue* de desculpa por festa racista.** Disponível em <https://catracalivre.com.br/cidadania/diretora-da-vogue-se-desculpa-por-festa-racista/>. Acesso em 12 fev. 2019.

[8] FOLHA DE SÃO PAULO. **Elza Soares 'responde' foto de diretora da *Vogue*: 'Escravizar, nem de brincadeira'**. Disponível em <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/02/elza-soares-responde-foto-de-diretora-da-vogue-escravizar-nem-de-brincadeira.shtml> Acesso em 11 de fev. de 2019.

[9] REVISTA FÓRUM. **Após festa acusada de racismo, Donata Meirelles pede demissão da *Vogue*.** Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/apos-festa-acusada-de-racismo-donata-meirelles-pede-demissao-da-vogue/> Acesso em 13 fev. 2019.

para ajudá-los a "definir conteúdos e imagens que combatam as desigualdades"[10]. Todo este debate demonstra o quanto esta questão é sensível entre nós. Silva concluiu seu artigo chamando atenção para o "genocídio da população negra na diáspora africana" e as formas subjetivas com as quais o racismo opera entre nós[11].

Representações e debates como estes não são isolados. No Rio de Janeiro em 2016 houve caso similar. Foi publicada uma matéria no *Intercept* na qual se narrava um evento de "turismo histórico" realizado no Vale do Paraíba.[12] A escravidão ali era a grande atração. Na fazenda Santa Eufrásia se oferecia um passeio na propriedade construída nas primeiras décadas do século XIX. Os visitantes eram servidos por escravos – na verdade funcionários negros que encenavam estes papéis – sempre acompanhados pela dona da fazenda, branca, que se representava, a seu turno, como sinhá. No artigo do *Intercept* denunciava-se a ausência na encenação de qualquer senso crítico sobre o passado escravista da região, concluindo o quão "inadmissível é a naturalização das atrocidades cometidas no passado" e ressaltando a dívida histórica com o povo negro. Concluía o artigo com um paralelo: seria possível se pensar em fazer um evento similar nos locais históricos nos quais se vivenciou o holocausto? Frente à repercussão desta matéria, o Ministério Público Federal em Volta Redonda (RJ) e a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro assinaram um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que foi construído a partir das sugestões das comunidades quilombolas da região, do movimento negro e de professoras da Universidade Federal Fluminense.[13]

Outro episódio também emblemático ocorreu recentemente no Rio Grande do Sul em um piquete no acampamento farroupilha.[14] Ali se construiu a representação de uma senzala na tentativa de se reproduzir o "ambiente" que os negros viveram no passado. Estiveram presentes no cenário troncos, instrumentos de açoite e manequins representando os negros amarrados. A reação foi contundente. O movimento negro e a diretoria de turismo interpelaram o coordenador do piquete que foi chamado a se explicar. O resultado foi um pedido público de desculpas ao

---

[10] GELEDÉS. **Revista se manifesta sobre desta acusada de racismo: "*Vogue* lamenta o ocorrido e espera que o debate sirva de aprendizado".** Disponível em <https://www.geledes.org.br/revista-se-manifesta-sobre-festa-acusada-de-racismo-vogue-lamenta-o-ocorrido-e-espera-que-o-debate-sirva-de-aprendizado/>. Acesso 12 fev. 2019.

[11] SILVA, Yuri. **Quem fetichiza a escravidão tem quer ser preso.** Disponível em <https://jornalistaslivres.org/quem-fetichiza-a-escravidao-tem-que-ser-preso-por-racismo/>. Acesso em 11 de fev. de 2019.

[12] OLLIVEIRA, Cecília. **Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda "sem racismo"**. Disponível em <https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/> Acesso em 12 fev. 2019.

[13] MINISTÉRIO PUBLICO FEDERAL/RJ. **MPF/RJ celebra acordo que põe fim à encenação sobre a "escravidão" para turistas em fazendo.** Disponível em <http://www.mpf.mp.br/rj/sala-de-imprensa/noticias-rj/mpf-rj-celebra-acordo-que-poe-fim-a-encenacao-sobre-a-201cescravidao201d-para-turistas-em-fazenda>. Acesso em 12 de fev. de 2019.

[14] G1. **Piquete cria 'senzala' no Acampamento Farroupilha de Porto Alegre e recebe críticas.** Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/09/17/piquete-cria-senzala-no-acampamento-farroupilha-de-porto-alegre-e-recebe-criticas.ghtml> Acesso em 12 fev. 2019.

povo negro feito pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e a decisão de representar não mais a senzala e seus instrumentos de tortura, mas os lanceiros negros – referindo-se aos negros que bravamente lutaram no conflito farroupilha. Em entrevista, Fernanda Oliveira, historiadora e ativista integrante do grupo de estudos sobre mulheres negras Atinuké, lamentou que no piquete "a única leitura que se teve foi a da perversidade". Segundo ela, isto poderia levar o público a interpretar que "o lugar do negro era aquele mesmo".

A questão proposta por Oliveira, entre outras manifestações das lideranças negras, é da maior relevância porque nos instiga a interrogar sobre o que sabemos deste passado escravista e qual o significado dele para nós em nosso presente. Ao fazê-lo não se pode evitar as indagações sobre o lugar do negro na nossa história e na nossa sociedade. A resposta, certamente, não é simples. Necessário é perscrutar os significados da experiência da escravização e da liberdade construídos social e historicamente.

Nas polêmicas aqui narradas percebe-se uma tendência em se naturalizar e espetacularizar este passado. Relações glamourizadas entre sinhás e escravizados ou a percepção da experiência da sujeição violenta como definidor do lugar social do negro nos leva a problematizar a relação entre passado e presente e a defender a importância de se conhecer melhor nossa história. Bloch em livro clássico já problematizava a relação entre o passado e o presente ao discorrer sobre a "força da solidariedade das épocas". Para ele, os laços entre o passado e o presente são tecidos em um movimento recíproco e é esta dinâmica que lhes confere inteligibilidade. Neste sentido, explica-nos Bloch, "a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos para compreender o passado se nada sabemos do presente".[15]

A observância desta "solidariedade entre as épocas" - como forma de compreender os significados das ações humanas no tempo – é uma necessidade social e política da maior relevância, pois impacta nossa vida cotidiana e carrega consigo alguns desdobramentos importantes. Um dos exemplos mais emblemáticos é aquele do trabalho escravo contemporâneo.[16] Ao analisar 107 apelações criminais cujas acusações fundavam-se no artigo 149 do Código Penal, autuadas perante os Tribunais Regionais Federais, relativas aos processos e a interpretação jurisprudencial vinculadas aos crimes de redução a condição análoga à escravidão, Paes percebeu o quanto ela é influenciada pela concepção que juízes e juristas tem de nosso

[15] BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001. p. 65.

[16] A análise realizada no campo do Direito dialoga com uma extensa reflexão produzida no campo da História. Sobre este tema, consulte: GOMES, Angela de Castro. Trabalho análogo a de escravo: construindo um problema. **Revista de História Oral**, v.11.n.1 e 2, 2008; SCOTT, Rebecca. 2013. "O trabalho escravo contemporâneo e os usos da história". **Revista Mundos do Trabalho** 5:129-137.

passado escravista. E deduz-se das sentenças proferidas que muitos têm uma concepção histórica bastante "simplista" a respeito da experiência dos escravizados no Brasil colonial e imperial. Desta feita definem a condição de escravidão apenas quando há restrição à liberdade de locomoção, vigilância estrita, moradias condicionadas e precárias e o uso de grilhões[17]. No entanto, a experiência dos africanos e seus descendentes no Brasil, enquanto cativos, e a própria definição de escravidão dificilmente caberiam nestes termos. Afinal, e apenas para citar alguns exemplos, as cidades no século XIX testemunharam a presença dos escravos e forros nos serviços urbanos os mais variados como veremos no decorrer deste artigo. Muitos deles "viviam sobre si"[18], ou seja, tinham bastante liberdade de locomoção ao trabalharem como quitandeiras, lavadeiras, cocheiros, carregadores, entre tantas outras ocupações. E nas cidades não havia a vigilância de feitores (aos moldes das áreas rurais), alguns escravos "ao ganho"[19] tinham inclusive moradia independente daquela de seus senhores. Ao não compreender a complexidade das experiências do cativeiro tem-se uma má compreensão deste passado e ao tomá-lo de forma tão reducionista e equivocada como base na definição de escravidão, termina-se por justificar o não reconhecimento, em muitos casos, de trabalho análogo à escravidão na atualidade. Ao não reconhecer as premissas elencadas acima nas relações entre trabalhadores e patrões terminam por flexibilizar o conceito de escravidão moderna tornando ainda mais difícil sua erradicação. Naturalmente, a atual precarização das relações de trabalho e seu não reconhecimento como condição análoga à escravidão não pode ser apenas creditada a esta visão limitada do passado, mas deve também ser buscada nas escolhas feitas no presente e no contexto político em que elas se elaboram. Compreender o peso das decisões políticas no presente também ilumina as razões da naturalização das relações escravistas (tanto na compreensão do passado quanto da atualidade) quando não a própria invisibilização do trabalhador africano e afrodescendente em nossa história.

Inspirados por esta força intrínseca à "solidariedade das épocas" nos propomos a problematizar esta história através principalmente das representações fotográficas. Existem no

[17] PAES, Mariana Armond Dias. A história nos tribunais: a noção de escravidão contemporânea em decisões judiciais. In.: **Trabalho escravo contemporâneo: conceituação, desafios e perspectivas.** MIRAGLIA, Lívia Mendes Moreira; HERNANDEZ, Julianna do Nascimento; OLIVEIRA, Rayhanna Fernandes de Souza (Organizadoras). - Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018. 240 p.

[18] Esta expressão se referia em geral aos escravos de ganho que trabalhavam ao jornal (por jornada) e muitas vezes direcionavam parte de seus rendimentos ao senhor e outra parte ficava para seu usufruto. Sobre este tema, ver: CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Além da senzala: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Hucitec, 2010.

[19] O termo "Escravo de Ganho", refere-se aos trabalhadores escravizados que atuavam fora da casa de seu proprietário, geralmente vinculado às mais diversas modalidades de comércio ambulante. Ao final do dia, deveriam entregar ao senhor determinada quantia definida. Sobre o tema, ver: REIS, João José. De Olho no Canto: Trabalho de Rua na Bahia na Véspera da Abolição. **Afro-Ásia** (UFBA), Salvador, v. 24, p. 199-242, 2000; SOARES, Luiz Carlos. **O "povo de Cam" na Capital do Brasil: A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

Rio Grande do Sul acervos riquíssimos disponíveis em museus, arquivos públicos e, ainda, em coleções particulares.[20] Embora estes acervos sejam relativamente pouco conhecidos por um público não especializado, as imagens constituem uma forma privilegiada de se indagar sobre este passado e refletir sobre os significados que ele adquire no tempo. Vamos refletir sobre as experiências de escravização e do pós-abolição no Rio Grande do Sul, tendo como foco principal as imagens feitas em Porto Alegre em meados do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte. Vamos nos basear a seguir, primordialmente, no livro *Africanos, afrodescendentes: imagens de Porto Alegre*.[21]

A materialidade das fotografias pode, inicialmente, nos dar a ilusão de estarmos defronte a um passado congelado, preservado, salvo da inexorabilidade do tempo: um instantâneo da realidade do passado. Mas, assim como outras fontes, a fotografia precisa ser analisada, interrogada. Não pode ser desconectada das relações sociais nem desprezar os diversos significados políticos e culturais que lhes são intrínsecos.[22] As imagens, como representações

---

[20] Sobre representações fotográficas no Rio Grande do Sul, ver: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). **Ensaios sobre o fotográfico.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998; BORGES, Márcia de Castro. **Imagens da cidade: o olhar de Virgilio Calegari sobre Porto Alegre do início do século XX**. Dissertação e Mestrado, Unicamp, 1999; ETCHEVERRY, Carolina Martins. **Visões de Porto Alegre nas fotografias dos irmãos Ferrari (c. 1888) e de Virgilio Calegari (c.1912**). Dissertação de mestrado, UFRGS, 2007; FABRIS, Annateresa. A fotografia oitocentista ou a ilusão da objetividade. In: **Revista Porto Arte**, v.5, n. 8, Porto Alegre, novembro de 1993; LIMA, Aline Mendes. **Ofereço minha foto como recordação: representações de negros em álbuns familiares (Pelotas 1930-1960**). Dissertação de mestrado, PUCRS, 2009; MONTEIRO, Charles. **Fotografia e crônica: a construção de uma visualidade urbana moderna de Porto Alegre nas revistas ilustradas nos anos 1920.** ArtCultura, Uberlândia, v.16, n.29, pp.155-166. Julh-dez 2014; POSSOMAI, Zita. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos, Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Tese de doutorado, UFRGS, 2005; SANTOS, Alexandre. **As fotografias e as representações do corpo contido**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007; SANTOS, Irene. **Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre.** Porto Alegre: Do autor, 2005; SANTOS, Irene. **Colonos e Quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas em Porto Alegre.** Porto Alegre: [s.n], 2010; SERRANO, Eneida. **Lunara amador 1900**. Porto Alegre: Fumproarte, 1996; SHWAMBACH, Janaina. **Memoria visual da cidade de Pelotas nas fotografias impressas no jornal A Alvorada e no Almanaque de Pelotas (1931-1935)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, 2010; SOARES, Taís Castro. **Memória da fotografia em Pelotas/RS na produção dos ateliês de Lhullier e Amoretty (1876-1906)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, 2009; STUMVOLL, Denise Bujes. **Fotografia e aproximações com a arte no início do século XX: Um olhar para as narrativas visuais de Lunara**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

[21] Convidamos o leitor a conhecer o livro *Africanos, afrodescendentes: imagens de Porto Alegre,* com acesso gratuito. Tem como tema a história e a representação fotográfica dos africanos e de seus descendentes que vieram trabalhar no Rio Grande do Sul, região mais meridional do Brasil. Reúne uma grande quantidade de fotografias produzidas desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, majoritariamente realizadas em Porto Alegre ao lado de outras imagens de diferentes regiões do Rio Grande do Sul. Sua elaboração se baseia nas imagens da exposição de fotografias intituladas *Africanos e afrodescendentes no Brasil Meridiona*l, realizada no Memorial do Rio Grande do Sul nos dias 24, 25, 26 e 27 de maio de 2017 por ocasião do *8º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, que teve financiamento da CAPES, CNPq e FAPERGS. Este livro, em formato e-book, é destinado a um público abrangente e tem fácil acesso gratuito, fornecendo importantes imagens de Porto Alegre e destacando a importância da comunidade negra em sua construção. Acesso em:
http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=106.

[22] Sobre este tema, ver: CUNHA, Manuela Carneiro da. Olhar escravo, ser escravo. In: **Negro de corpo e alma**. (Catálogo, "Mostra do Redescobrimento", org. Emanoel Araujo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000; KOSSOY, Boris e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Olhar**

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 15 - 34, jan./jun. 2019. Recebido em: 16 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

construídas, estão sempre abertas a diferentes leituras, tanto no passado quanto no presente. Sugerimos que estejamos atentos ao seu processo de produção, circulação e consumo, que nos indaguemos sobre a mediação entre as fotografias e a sociedade, entre fotógrafos e fotografados e suas múltiplas conexões com a construção da memória e do conhecimento histórico.

Neste sentido e sem querer esgotar todas estas dimensões neste curto artigo, queremos destacar inicialmente algumas imagens. As primeiras delas representam os ofícios e os serviços domésticos. Reproduzimos a seguir duas fotografias. Uma de fotógrafo desconhecido e outra dos Irmãos Ferrari. A primeira representa os serviços urbanos. A precariedade das vestimentas, os pés descalços e os trabalhos braçais apontavam para as experiências de cativeiro e o lugar subalternizado do negro.

---

europeu. O negro na iconografia brasileira do século XIX. São Paulo: Edusp, 2002; MUAZE, Mariana. A escravidão no Vale do Paraíba pelas lentes do fotógrafo Marc Ferrez. In: CARVALHO, José Murilo de; BASTO, Lúcia. **Dimensões e fronteiras do Estado Brasileiro no Oitocentos**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2014; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n.º 74, 2017. KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In.: SAMAIN, Ethienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 41-49.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 15 - 34, jan./jun. 2019. Recebido em: 16 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.



IMAGEM 1: Fotógrafo não identificado. Último quartel do século XIX. Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Fototeca Sioma Breitman. 592F.

A segunda foto foi realizada pela família Ferrari, de origem italiana que foi muito atuante neste período e comercializou um dos primeiros álbuns de *Vistas de Porto Alegre*. Ali registraram as transformações pelas quais a cidade passava, principalmente, nas décadas finais do século XIX e início do XX. Fotografaram, ainda, os que nos interessa aqui mais de perto, alguns africanos e/ou

afrodescendentes, como destacamos na foto abaixo, na qual se representavam alguns ofícios domésticos, tal como cozinheiros[23].

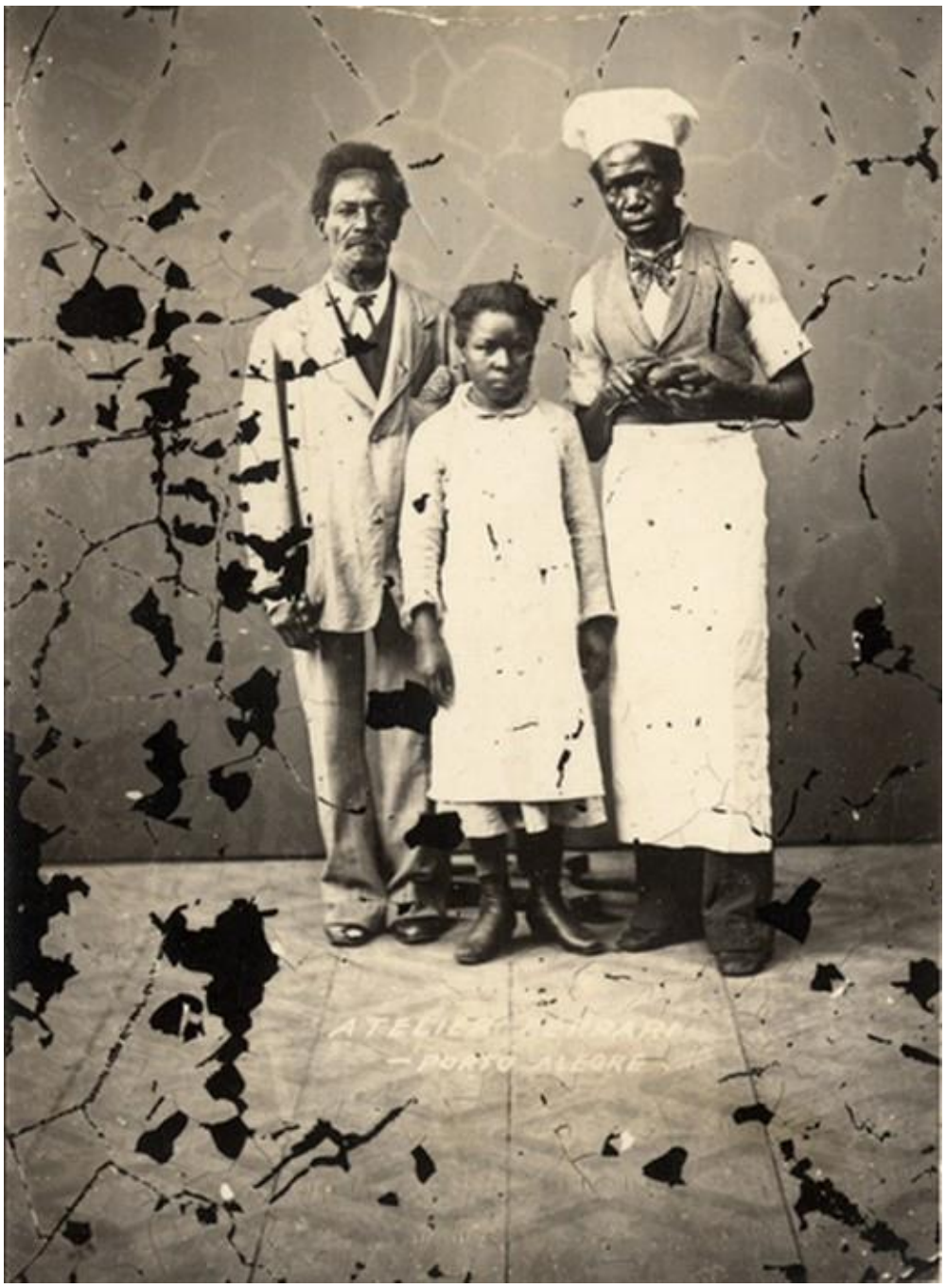

IMAGEM 2: Irmãos Ferrari. c. 1900. Museu de Porto alegre Joaquim Felizardo/Fototeca Sioma Breitman. 587F.

A terceira foto, de Augusto Amoretty, foi premiada na exposição brasileira alemã em 1881 e nos apresenta uma rara imagem de uma ama de leite em Pelotas. Assim como outras imagens dos "tipos" ou dos "costumes" ela é realizada com cuidado: na pose, na composição da foto, nas

[23] Sobre o tema, ver: MUAZE, Mariana. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In.: **Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil.** Organizadoras: Helen Osório e Regina Célia Lima Xavier – São Leopoldo: Oikos, 2018; CARVALHO, Marcus. De portas adentro e de portas afora: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822–1850. In **Afro-Ásia**, 29/30, p. 41–78, 2003.

vestimentas. A delicadeza e o luxo das roupas da criança, por exemplo, tão brancas como ela própria, contrastam com a sobriedade das roupas negras da ama negra que a segura. Ao acentuar as cores, o preto e o branco, termina por marcar as desigualdades sociais e raciais naturalizadas na pose do retrato.

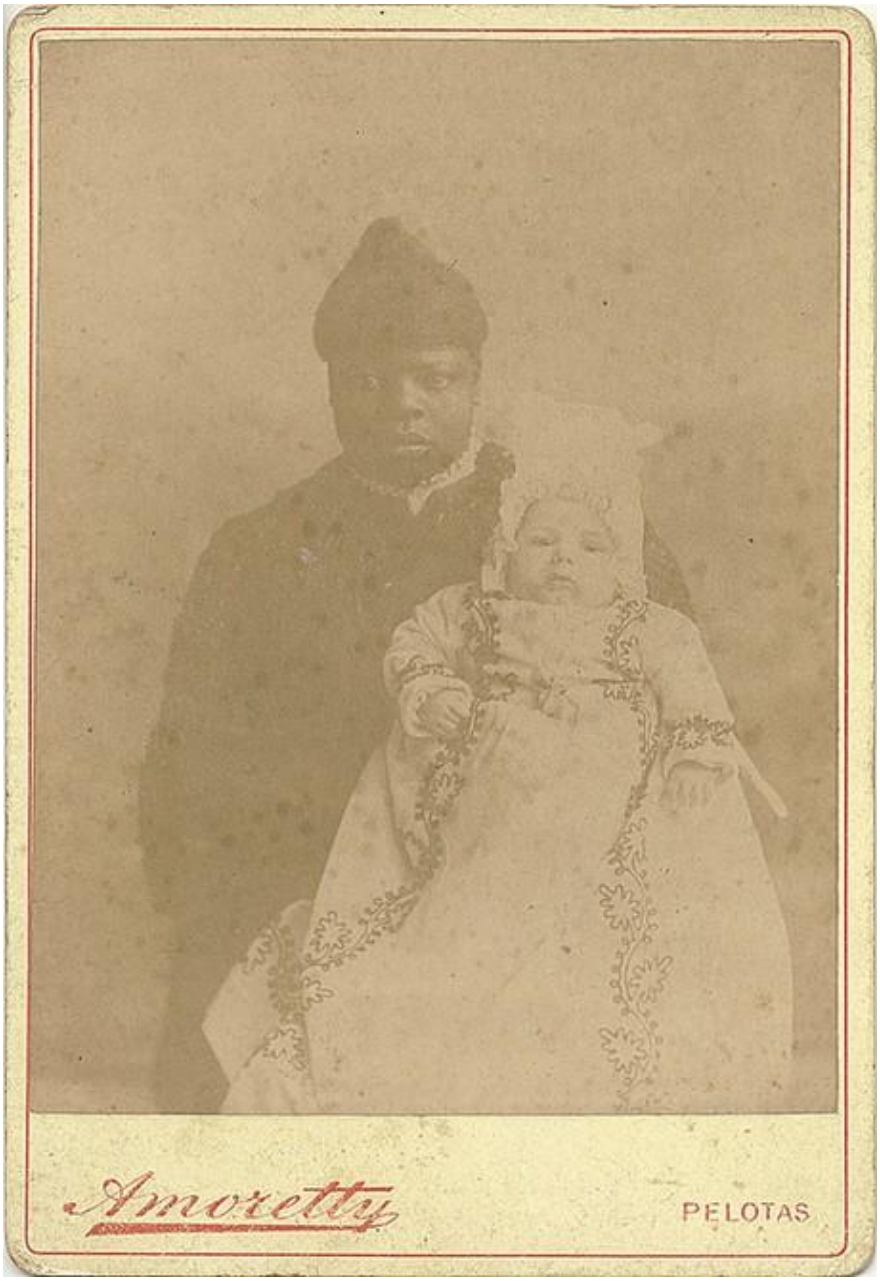

IMAGEM 3: Augusto Amoretty. c. 1881-1884. Museu de Comunicação Hipólito José da Costa Acervo Fotográfico. DAV109F0019.

Fotos como esta que privilegiavam os chamados "tipos populares" ou que tinham como foco os "costumes" foram relativamente comuns. Christiano Jr., por exemplo, conhecido fotógrafo do Império, vendia imagens destes "tipos" como *souvenirs* para estrangeiros ou curiosos,

muitas vezes comercializadas no formato de cartões-postais.[24] Estas imagens de alguma forma dialogavam com as "vistas da cidade" tais como aquelas comercializadas por Ferrari, pois sublinhavam o exotismo de um passado escravista que deveria ser superado em um período de transformações urbanas no qual se viria a pleitear o trabalho livre e a modernidade.

Imagens como estas foram construídas em grande parte por fotógrafos estrangeiros, com um olhar branco e muitas vezes etnocêntrico. Nelas a complexa e variada experiência de africanos e afrodescendentes era representada sem que se fizesse apelo às resistências dos cativos, às demandas abolicionistas ou às promessas constitutivas do 13 de maio, de uma liberdade menos desigual. Construíam uma memória que, em certa medida, subalternizava estes sujeitos e projetava uma representação muito própria da escravidão e do pós-abolição. No entanto, estas mesmas imagens permitem outras leituras. É possível se interrogar sobre os significados que estas fotos, em sua produção e circulação, poderiam ter tido para os fotografados, na afirmação, por exemplo, como na foto de Ferrari, da importância de seus ofícios, o significado que estes poderiam adquirir para a construção de margens de autonomia mesmo em uma sociedade tão hierarquizada[25].

Outros retratos, inclusive, contrastam drasticamente com todos os exotismos e privilegiam outros elementos. Muitos afrodescendentes se fizeram fotografar testemunhando a popularidade que os retratos adquiriram desde as décadas finais do século XIX.[26] É possível que ao adentrarem os estúdios interferissem na composição das fotos e nas formas como seriam representados. Os retratos podiam ainda ser confeccionados como cartões de visita para serem oferecidos a familiares e amigos. Eram eficazes na afirmação de laços afetivos, podiam testemunhar distinção social ou simbolizar prestígio social. Trazemos abaixo a foto de Euclydes, confeccionada por *Barbeitos e Irmão*, estúdio que funcionava na Cidade Baixa, bairro que concentrava uma significativa população afrodescendente.

---

[24] KOSSOY, Boris; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Olhar europeu. O negro na iconografia brasileira do século XIX.** São Paulo: Edusp, 2002.

[25] Mariana Muaze destaca que o ato fotográfico "pressupõe uma aceitação tácita do fotografado das regras do jogo da representação" mas "ao mesmo tempo que é visto, o fotografado também se mostra, assume uma pose resultante de uma negociação". Neste "olhar retornado" aparecem "indícios de sua dor, trabalho, expropriação, tristeza – enfim, sua humanidade", cabendo ao historiador buscar esta dimensão nas imagens daqueles homens e mulheres que no momento da foto instituíram sua autorrepresentação. MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n.o 74, p.51.

[26] Sobre este tema, ver: GRANGEIRO, Candido Domingues. **As artes de um negócio: a febre photographica**. São Paulo: 1862-1886. Campinas, SP: Mercado de Letra, 2000.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 15 - 34, jan./jun. 2019. Recebido em: 16 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.



IMAGEM 4: Barbeitos & Irmão. c. 1911. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul/Fundo Iconografia. Pasta: 76- CP: 66.

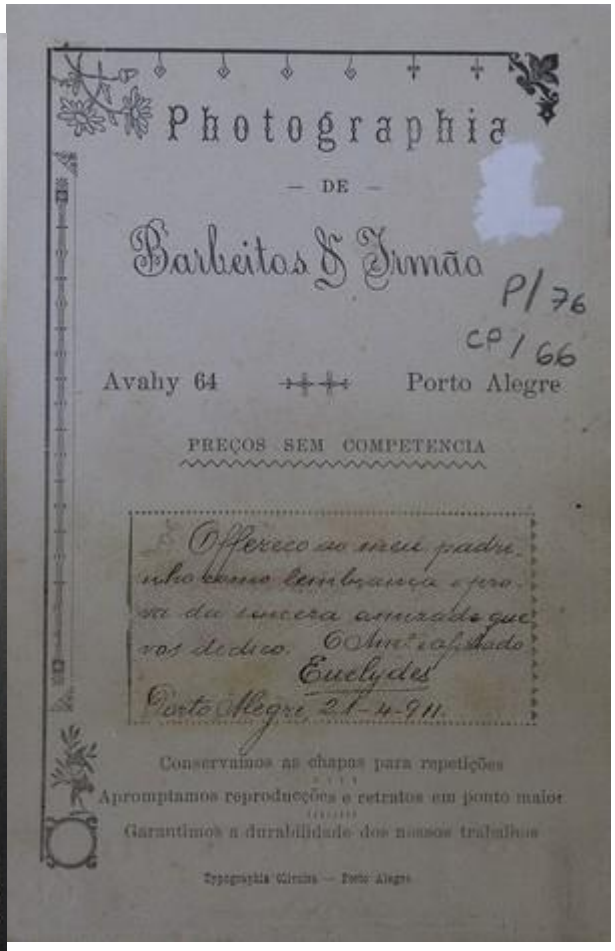

IMAGEM 5: Verso da imagem.

A foto seguinte foi realizada por Virgílio Calegari. Este premiado fotógrafo italiano foi um dos mais conhecidos do Rio Grande do Sul.[27] A fotografia que fez de Aurélio Veríssimo Bittencourt tem uma composição extremamente cuidadosa: o fundo escuro e esfumaçado lhe dá profundidade, o enquadramento e a luz lhe dão destaque. A pose do abolicionista, articulista de importantes jornais, juiz de órfãos, secretário de Júlio de Castilhos e conhecido líder da comunidade negra não poderia ser mais simbólica: ao se deixar fotografar ao lado de muitos livros, ele indicava a importância que a educação letrada tinha para os afrodescendentes na luta pela liberdade plena e pela cidadania. A mesma imagem seria também publicada no jornal *O Exemplo*[28] em 6 de janeiro de 1921 prestando homenagens ao "Mestre" que havia inspirado os

[27] Para maiores informações, consulte o livro: XAVIER, Regina Célia Lima; BOHRER, Felipe Rodrigues. **Africanos, afrodescendentes: imagens de Porto Alegre**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

[28] *O Exemplo* foi um jornal da comunidade afrodescendente fundado em Porto Alegre em 1892 e publicado até 1930. Teve como principais redatores Espiridião Calisto, Marcílio Freitas, Dario de Bittencourt e Vital Baptista, entre outros.

diretores do jornal em sua crítica ao período escravista e em sua luta contra toda forma de preconceito.



IMAGEM 6: Virgilio Calegari. S/ data. Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Fototeca Sioma Breitman. 764F.

Sem querer ser exaustivos na exposição de fotos deste período, podemos para finalizar apontar alguns aspectos que nos parecem importantes. As fotografias dão a conhecer a imensa relevância que a escravidão teve no Rio Grande do Sul. Auxiliam no combate às ideias, por vezes difundidas, de que nesta porção do país ela havia sido numérica e economicamente pouco expressiva ou mais branda que em outros lugares. Os escravos africanos e seus descendentes trabalharam nos mais diferentes ofícios, na agricultura, na pecuária, nos serviços domésticos, enfim, tiveram um papel importante em praticamente todas as atividades produtivas e em todas

as regiões do Rio Grande do Sul. Podiam ter maior ou menor autonomia em sua locomoção, em suas moradias e em seus labores. Suas experiências não podem ser reduzidas a violência dos castigos físicos, dos grilhões, da ação de feitores ou da vida na senzala. Não deixavam de ser escravos por isso. O contingente de forros e livres, por outro lado, também foi significativo. É ainda muito corrente a ideia de que aqui se teve um forte movimento abolicionista encabeçado pela elite senhorial benevolente diante de uma escravidão pouco expressiva. Nesta interpretação deixam de fora as lutas dos escravos, forros e livres em favor de suas liberdades. Desconhecem que uma parte expressiva das alforrias concedidas em 1884 eram condicionadas[29], obrigando os libertandos a se submeterem a contratos de trabalho que os mantinham sob controle de seus senhores e em condições que pouco os diferenciavam dos escravos. O próprio estatuto de liberto condicional abriu no período um debate jurídico sobre a definição de escravidão e de liberdade[30]. Restou aos alforriados resistir às cláusulas restritivas de suas liberdades, os descumprimentos dos contratos e a luta por direitos contra o recrudescimento do controle e repressão policial que se abateu especialmente contra eles. A presença dos afrodescendentes continuou sendo expressiva no período pós-abolição em que pese o impacto do movimento imigrantista branco e europeu. O 13 de maio que carregou consigo uma imensa expectativa por parte dos africanos e afrodescendentes em torno da liberdade e da igualdade assistiu o crescimento do racismo que pretendia reclassificar os indivíduos social e racialmente resignificando as lutas em torno dos direitos sociais e por melhores condições de vida.[31]

---

[29] Sobre este tema, ver: MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Os Cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre - 1858-1888.** Porto Alegre, EST Edições, 2003; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Faces da Liberdade, Máscaras do Cativeiro - Experiências de liberdade e escravidão, percebidas através das Cartas de Alforria - Porto Alegre (1858-1888)**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. KROB, Bruna Emerim. **"Com a condição de servir gratuitamente a mim ou a meus herdeiros": alforrias, contratos e experiências de trabalho de libertos (Porto Alegre, 1884 – 1888)**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2016.

[30] Sobre este tema, ver: XAVIER, Regina Célia Lima Xavier. **A Conquista da Liberdade.** 1. ed. Campinas: Centro de Memória e Editora da Unicamp, 1997. v. 1. 200p.; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Entre a Mão e os Anéis - a Lei de 1885 e os caminhos da abolição no Brasil** - 2ª edição. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008. v. 1. 358p; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Cenas da Abolição - escravos e senhores no Parlamento e na Justiça**. 1ª. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo (1ª Reimpressão2007), 2001. 119p; GRINBERG, Keila. **Liberata - a lei da ambiguidade: as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

[31] Sobre o pós-abolição, ver: ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo.** Bauru: Edusc, 1998; CASTRO, Hebe Mattos de; RIOS, Ana M. **Memórias do cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 2005; CASTRO, Hebe Mattos de. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995; COOPER, F.; HOLT, T.; SCOTT, R. **Além da escravidão: investigação sobre raça, trabalho, e cidadania**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; GOMES, Flávio dos Santos. No meio das Águas turvas – racismo e cidadania no alvorecer da república – a Guarda negra na Corte (1888-1889). **Estudos Afro-asiáticos**, n. 21, 1991; XAVIER, Regina Célia Lima. Raça, classe e cor: debates em torno da construção de identidades no Rio Grande do Sul no pós-abolição. In: **Cruzando Fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho**. Regina Celia Lima Xavier; Silvia Regina Ferraz Petersen; Henrique Espada; Alexandre Fortes. (Org.). 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013, v. 1, p. 103-132.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 15 - 34, jan./jun. 2019. Recebido em: 16 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

As fotografias não são meramente ilustrações deste passado. Elas provocam a reflexão sobre a riqueza e a complexidade do período escravista e do pós-abolição. Traduzem várias e conflitantes formas de se representar estas experiências sociais que dizem respeito tanto aos escravos quanto aos seus senhores, tanto aos fotógrafos quanto aos fotografados, tanto ao passado quanto as leituras que dele fazemos no nosso presente. Dos tipos populares aos retratos dos afrodescendentes, das sinhás às mucamas, o conflito destas representações devem nos ensinar muito sobre esta história que afinal está tão perto de nós. Os debates em torno do trabalho análogo a escravidão são testemunhos da necessidade desta reflexão e aprendizado. As lutas em torno das representações em diferentes temporalidades denunciam, ainda, o racismo que subjaz não apenas como uma herança do passado, mas principalmente como uma ressignificação deste passado nas experiências do presente.

O conflito entre diferentes representações nos instigam a nos interrogar, cada vez mais, sobre os processos que as produziram e que, em última instância, as tornaram partícipes na construção de visões de mundo. Nesta dinâmica, fazem parte da própria tessitura de identidades socialmente racializadas. A importância das definições conceituais é que elas não se restringem às percepções intelectuais ou, como no caso do debate sobre o trabalho análogo a escravidão, ao campo jurídico. Assim como as representações não são restritas ao universo simbólico. Vinculam-se, diretamente e de diferentes formas, às ações assumidas na vida cotidiana. Portanto, não é apenas necessário conhecermos melhor nosso passado e nossa história, nos mantermos cônscios e críticos de nosso passado escravista, mas nos mantermos combativos na cotidianidade na luta contra toda forma de escravização e de racismo.

O livro *Africanos e afrodescendentes: imagens de Porto Alegre* e este presente texto tiveram por objetivo contribuir não apenas para um melhor conhecimento sobre o período de escravidão e o pós-abolição mas convidar para um debate público sobre a importância destes temas no presente.

REFERÊNCIAS:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). **Ensaios sobre o fotográfico.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo.** Bauru: Edusc, 1998.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001.

BORGES, Márcia de Castro. **Imagens da cidade: o olhar de Virgilio Calegari sobre Porto Alegre do início do século XX**. Dissertação e Mestrado, Unicamp, 1999.

CARVALHO, Marcus. De portas adentro e de portas afora: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822 – 1850. In **Afro-Ásia**, 29/30, p. 41 – 78, 2003.

CASTRO, Hebe Mattos de. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

CASTRO, Hebe Mattos de; RIOS, Ana M. **Memórias do cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 2005.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COOPER, F.; HOLT, T.; SCOTT, R. **Além da escravidão: investigação sobre raça, trabalho, e cidadania**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Olhar escravo, ser escravo. In: **Negro de corpo e alma**. (Catálogo, "Mostra do Redescobrimento", org. Emanoel Araujo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. **Visões de Porto Alegre nas fotografias dos irmãos Ferrari (c. 1888) e de Virgilio Calegari (c.1912**). Dissertação de mestrado, UFRGS, 2007.

FABRIS, Annateresa. A fotografia oitocentista ou a ilusão da objetividade. In: **Revista Porto Arte**, v.5, n. 8, Porto Alegre, novembro de 1993.

GOMES, Angela de Castro. Trabalho análogo a de escravo: construindo um problema. **Revista de História Oral**, v.11.n.1 e 2, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **No meio das Águas turvas – racismo e cidadania no alvorecer da república – a Guarda negra na Corte (1888-1889**). Estudos Afro-asiáticos, n. 21, 1991.

GRANGEIRO, Candido Domingues. **As artes de um negócio: a febre photographica**. São Paulo: 1862-1886. Campinas, SP: Mercado de Letra, 2000.

GRINBERG, Keila. **Liberata - a lei da ambiguidade: as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In.: SAMAIN, Ethienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

KOSSOY, Boris e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Olhar europeu. O negro na iconografia brasileira do século XIX**. São Paulo: Edusp, 2002.

KROB, Bruna Emerim. **"Com a condição de servir gratuitamente a mim ou a meus herdeiros": alforrias, contratos e experiências de trabalho de libertos (Porto Alegre, 1884 – 1888)**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2016.

LIMA, Aline Mendes. **Ofereço minha foto como recordação: representações de negros em álbuns familiares (Pelotas 1930-1960**). Dissertação de mestrado, PUCRS, 2009.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Cenas da Abolição - escravos e senhores no Parlamento e na Justiça**. 1ª. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo (1ª Reimpressão2007), 2001. 119p.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Entre a Mão e os Anéis - a Lei de 1885 e os caminhos da abolição no Brasil** - 2ª edição. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008. v. 1. 358p.

MONTEIRO, Charles. **Fotografia e crônica: a construção de uma visualidade urbana moderna de Porto Alegre nas revistas ilustradas nos anos 1920.** ArtCultura, Uberlândia, v.16, n.29, pp.155-166. Julh-dez 2014.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Faces da Liberdade, Máscaras do Cativeiro - Experiências de liberdade e escravidão, percebidas através das Cartas de Alforria - Porto Alegre (1858-1888)**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. v. 1.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Os Cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre - 1858-1888.** Porto Alegre, EST Edições, 2003.

MUAZE, Mariana. A escravidão no Vale do Paraíba pelas lentes do fotógrafo Marc Ferrez. In: CARVALHO, José Murilo de; BASTO, Lúcia. **Dimensões e fronteiras do Estado Brasileiro no Oitocentos**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2014.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n.º 74, 2017.

MUAZE, Mariana. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In.: **Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil.** Organizadoras: Helen Osório e Regina Célia Lima Xavier – São Leopoldo: Oikos, 2018.

PAES, Mariana Armond Dias. A história nos tribunais: a noção de escravidão contemporânea em decisões judiciais. In.: **Trabalho escravo contemporâneo: conceituação, desafios e perspectivas.** MIRAGLIA, Lívia Mendes Moreira; HERNANDEZ, Julianna do Nascimento; OLIVEIRA, Rayhanna Fernandes de Souza (Organizadoras). - Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018. 240 p.

POSSOMAI, Zita. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos, Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Tese de doutorado, UFRGS, 2005.

REIS, João José. De Olho no Canto: Trabalho de Rua na Bahia na Véspera da Abolição. **Afro-Asia** (UFBA), Salvador, v. 24, p. 199-242, 2000.

SANTOS, Alexandre. **As fotografias e as representações do corpo contido**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SANTOS, Irene. **Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre.** Porto Alegre: Do autor, 2005.

SANTOS, Irene. **Colonos e Quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas em Porto Alegre.** Porto Alegre: [s.n], 2010.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Além da senzala: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Hucitec, 2010.

SCOTT, Rebecca. 2013. "O trabalho escravo contemporâneo e os usos da história". **Revista Mundos do Trabalho** 5:129-137.

SERRANO, Eneida. **Lunara amador 1900**. Porto Alegre: Funproarte, 1996.

SHWAMBACH, Janaina. **Memoria visual da cidade de Pelotas nas fotografias impressas no jornal A Alvorada e no Almanaque de Pelotas (1931-1935)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, 2010.

SOARES, Luiz Carlos. **O "povo de Cam" na Capital do Brasil: A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

SOARES, Taís Castro. **Memória da fotografia em Pelotas/RS na produção dos ateliês de Lhullier e Amoretty (1876-1906)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, 2009.

STUMVOLL, Denise Bujes. **Fotografia e aproximações com a arte no início do século XX: Um olhar para as narrativas visuais de Lunara**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

XAVIER, Regina Célia Lima Xavier. **A Conquista da Liberdade.** 1. ed. Campinas: Centro de Memória e Editora da Unicamp, 1997. v. 1. 200p.

XAVIER, Regina Célia Lima. Raca, classe e cor: debates em torno da construcao de identidades no Rio Grande do Sul no pós-abolição. In: **Cruzando Fronteiras: novos olhares sobre a historia do trabalho**. Regina Celia Lima Xavier; Silvia Regina Ferraz Petersen; Henrique Espada; Alexandre Fortes. (Org.). 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013, v. 1, p. 103-132.

XAVIER, Regina Célia Lima; BOHRER, Felipe Rodrigues. **Africanos, afrodescendentes: imagens de Porto Alegre**. São Leopoldo: Oikos, 2018.